

As técnicas imagéticas e educação a distância: Telecurso 2000

Silva, Rosemeire Ferreira da

Veröffentlichungsversion / Published Version
Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Silva, R. F. d. (2011). As técnicas imagéticas e educação a distância: Telecurso 2000. *ETD - Educação Temática Digital*, 12(esp.), 336-342. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-243782>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer Free Digital Peer Publishing Licence zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den DiPP-Lizenzen finden Sie hier:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

Terms of use:

This document is made available under a Free Digital Peer Publishing Licence. For more Information see:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

As técnicas imagéticas
e educação a distância:
Telecurso 2000

Rosemeire Ferreira da Silva¹

RESUMO

A proposta deste trabalho é a reflexão sobre o relato de experiência profissional mercadológica e educativa, entre os limites explicativos das tecnologias de informação e comunicação e a identificação da influência dessas matrizes no pensamento e nos discursos dos educadores e dos estudantes – técnicas imagéticas e educação a distância, Telecurso 2000.

PALAVRAS-CHAVE

Educação a distância; Tecnologia; Mídia

Images techniques
and distance education:
Telecurso 2000

RESUMO

The purpose of this work is the reflection on the professional experiences, between the limits of the information technologies and communication and the identification of the influence of these matrices in the thought and discourse the educators and students - images techniques and distance education.

KEYWORDS

Distance-education; Technologies; Media

¹ Doutra e Mestre em Ciências da Comunicação, pela Universidade de São Paulo-USP e Université Lumière – Lyon II, França. Graduada em Comunicação Social - Cinema, pela Fundação Armando Álvares Penteado – FAAP. Atualmente, pesquisadora da UFBA/Faculdade de Educação. Tel. : (71) 8835-3555. E-mail: sylva.rose@yahoo.com.br – Brasil.

A apresentação deste trabalho propõe-se a expor algumas reflexões e a relatar experiências com o uso das tecnologias imagéticas e suas aplicabilidades na Educação; seus avanços, suas fronteiras e os saltos paradigmáticos. Gostaria de declarar que a oportunidade desta reflexão advém da experiência profissional de que participei entre os anos de 1995 e 1998, na função de produtora e pesquisadora do programa educativo Telecurso 2000, da Rede Globo de Televisão. Nessa perspectiva, fornecerei informações relacionadas à composição do projeto pedagógico, que se utilizou de multimeios conjugados, de forma a motivar o participante — o aluno — e a possibilitar a fixação de conteúdos, permitindo a construção do conhecimento, garantindo a qualidade e a produtividade nos resultados, no ensino a distância. Paralelamente, buscarei examinar seus correspondentes no conjunto classificado como planejamento educacional e, por esse modelo, o acesso direto à relação histórica entre didática de ensino e linguagem técnica de equipamentos eletrônicos, a serviço da Educação, mediados na produção das Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs.

Historicamente, as sociedades transformam-se naquilo que consomem. A primitiva necessita de muito pouco; a moderna necessita de muito mais. É pertinente, hoje em dia, discutir as modalidades do processo educacional como interesse público, neste mundo tão tecnológico, e os sistemas de informação — forma e conteúdo. Vários “modelos” metodológicos, em sintonia com as altas tecnologias no setor da educação, compõem essas diversidades operacionais – diversidades, em geral, extremamente saudáveis, mas que geram uma preocupação constante de reavaliações e entendimentos conceituais. Então, só para lembrar, “os homens” preocupam-se com a didática, e os jovens começam a preocupar-se com os resultados – uma relação estreita entre os conhecimentos gerais, os cunhos profissionalizantes e a habilitação para o mundo do trabalho (MARTIN, 1991).

No entanto, situar teoricamente esta reflexão sobre as técnicas imagéticas *versus* as tecnologias educacionais e fornecer subsídios indispensáveis à compreensão dos comentários, argumentos e conclusões, limita-nos a observar os aspectos referentes ao contraste de sistemas de valores subjacentes; não precisamente contrariedades, entretanto, diferenças, transformações no tempo e no espaço educacional. Segundo MORAES (1997), “essa dinâmica entre áreas tão afins possibilita-nos repensar as questões epistemológicas”;

isso quer dizer que desejamos conhecer sua essência e suas competências; não basta dizer que os objetivos específicos de aprendizagem têm como base a avaliação comparativa das potencialidades teóricas e técnicas e padrões de criação, estabelecidos pela sociedade, incorporados e reforçados no processo educacional. É pertinente, também, mencionar que o mundo atual é tecnológico e o papel mais importante da Educação é transmitir conteúdos e desenvolver habilidades intelectuais - elementos que compõem uma identidade correspondente e satisfatória às necessidades sociais produzidas nas relações entre a Universidade e o mundo do trabalho.

As técnicas imagéticas têm uma linguagem plurissígnica e forte efervescência nos estudos a respeito das relações interculturais nas ciências da comunicação. As mudanças são bastante significativas no comportamento da sociedade e, notadamente, no intercâmbio nas relações culturais nas últimas décadas, na maioria dos países ocidentais; e muitos discutem suas possibilidades, o processo dessa tecnologia no uso da educação, suas técnicas, suas práticas, os efeitos que essas imagens podem causar na ação cognitiva. No entanto, não podemos deixar de observar e expor algumas questões políticas e econômicas - as técnicas de linguagem, através da estratégia retórica, “versão” pela lógica do consumo imagético, sinalizando uma “visão de mundo”, tendências e conceitos revelados pela mídia. Ou melhor, uma indicação da diversidade das imagens que podem ser ativadas não somente pelas lutas sociais de classes, como também pelas culturais, de foro individual e/ou coletivo, mas com o viés na Educação, o que pode ser revisto como fronteiras entre dois campos da ciência: as Humanas e as Sociais Aplicadas (LETWIN, 2001).

A escolha da atuação em um programa educacional tem, entre outras tantas razões, a crença no retorno dos investimentos em educação, cujos efeitos virão a repercutir nos mais diversos segmentos da sociedade, sob o prisma econômico, político social e cultural. Dessa forma, a educação a distância coloca em circulação os significados e os valores, estabelece uma mensagem intencional, voltada a dar vida ao mito da desconfiança de certa “classe social”, preconizando a relação direta entre a emissão e a recepção da mensagem, a interiorização de normas e valores de uma sociedade em cujo vértice se encontra a produção. Dentro desta perspectiva, Sousa (1995, p. 11-13) diz:

Os meios de comunicação são vistos, no caso, não apenas como veículo, mas como expressão de uma estância pública que indaga, e também reconhece os espaços de construção de valores que sejam valores grupais. Tais espaços são ao mesmo tempo de negociação e de debates, já que os valores, longe de ser expressão de sentidos dada apenas pelo produtor ou pelo receptor, são o que exprimem o processo mesmo no qual eles ocorrem.

Para Belloni (1999) a função específica da educação a distância é criar uma proximidade contínua entre os participantes; daí o significado: a distância física entre o professor e o aluno. O ensino a distância, tal como proposto no projeto do Telecurso 2000, recorreu ao uso de diversos meios que, conjugados, facilitam a compreensão, a fixação e a aplicação dos conteúdos, denominados de multimeios: TV (circuito aberto, rede e assinatura; circuito fechado, vídeo); livro do aluno; manual do tutor; instrumento de avaliação e acompanhamento do produto (teleaulas), do processo e da aprendizagem do aluno. Nessa categorização, prioritariamente, os programas de TV são importantes para mobilizar e orientar os alunos. É a TV que determina e mantém o ritmo dos cursos, mobilizando o aluno até a avaliação final, de acordo com as peculiaridades de cada disciplina e da definição do uso da TV nessa mesma disciplina, pelo grupo de produção das aulas. Além disso, a TV promove o interesse público, em geral, e serve também de apoio aos alunos da rede regular de ensino.

No caso dos textos impressos, os livros para os alunos possuem um caráter eminentemente autoinstrucional. Como acontece em todos os cursos bem-sucedidos de ensino a distância, os livros didáticos desempenham o papel mais importante para transmitir os conteúdos e desenvolver as habilidades intelectuais. A experiência também mostra que, quando são de boa qualidade, esses livros acabam sendo adotados em escolas de ensino regular. No Telecurso 2000, os livros de cada disciplina preenchem os seguintes requisitos: linguagem simples e objetiva, com informações que completam e enriquecem as informações apresentadas nas teleaulas; apresentam sugestões de atividades e exercícios, cujo objetivo é estimular a aquisição crítica dos conteúdos, a construção dos novos conhecimentos e sua aplicação ao mundo do trabalho, além de facilitar a avaliação permanente e progressiva. Há, portanto, exercícios de fixação, revisão e avaliação.

A oferta do Telecurso 2000 foi em torno de 450 horas de audiência na TV em circuito aberto, composta por 1140 programas de 15 minutos. Sua veiculação tem alcance nacional, através da Rede Globo e das emissoras educativas. Cabe lembrar que o circuito aberto com veiculação nacional deve interessar outros segmentos da população, não considerados clientela prioritária, que poderão se beneficiar das informações veiculadas, numa linha de educação permanente. Isso significa que foi dado o tratamento mais universal possível aos conteúdos, no sentido de ampliar o campo de interesse para os telespectadores – sem perda de sua substância didática. Por esse viés, o Telecurso 2000 procurou unir os modernos recursos tecnológicos à riqueza das atividades práticas e do trabalho individual e coletivo realizado por educadores e alunos. Dessa forma, a aprendizagem e, conseqüentemente, a construção dos conhecimentos efetivam-se com a vivência de momentos interativos, complementares e indissociáveis.

A recepção organizada das teleaulas acontece na telessala, um espaço para a prática pedagógica, com desenvolvimento de técnica de trabalho individual e em grupo – e procedimentos didáticos diversificados (audiência de TV – 15 minutos, estudo individual, 45 minutos e estudo em grupos, 60 minutos). Sob o acompanhamento do tutor presencial, o aluno tira dúvidas e troca experiências, realiza atividades individuais de leitura, escrita e exercícios e participa de atividade de avaliação. Em todos esses momentos, o papel do tutor é fundamental: ele acompanha o desenvolvimento dos alunos, registra as situações-problemas; qualifica as situações identificadas; toma decisões eficazes para aprendizagem de cada aluno e do grupo.

O formato das teleaulas envolve criação de roteiros e preparação dos materiais pedagógicos (programas de TV e impressos) e divulgação - parte integrante do processo educativo do Telecurso 2000: “chamadas” pela TV e *spots* de rádio, anúncios em revistas de circulação nacional e nos principais jornais locais cumprem a função de motivar participantes, educadores, empresários e o público em geral para a participação. Mais que simples anúncios da programação, são “momentos de aprendizagens”: propõem, por exemplo, problemas que serão trabalhados nos programas da semana. Assim, pode-se reconhecer na teleaula uma função comunicativa, social: no plano coletivo, ela conduz a discussão familiar ou entre amigos, e no plano individual, ela pode estimular uma experimentação lúdica dos estereótipos

e da linguagem audiovisual como modelo de comportamento racional, questionando e adequando valores correspondentes à “identidade” cultural. Isso nos leva a descrever o projeto Telecurso 2000 como um espetáculo institucional e televisivo, do qual qualquer espectador participa sem perder suas experiências sociais. Neste vértice, a recepção desse gênero educativo, por parte do espectador, segundo os estudos de Rossi-Landi (1985, p. 145), é constituída das análises dos diferentes tipos de escolha e de seus condicionamentos; do histórico social da própria escolha, que pode ser entendido da seguinte forma:

1-As escolhas envolvem liberdade e conhecimento, aspectos ligados intimamente; 2-As consequências ou resultados das escolhas submetem-se ao condicionamento; 3-São partes da estrutura as escolhas, o ato de se prever de que tipos de condicionamentos suas consequências, e se essas farão partes, do universo social do indivíduo; a ponto de mudar-se a escolha e as consequências na previsão de quem escolhem.

Nesses conhecimentos acerca da efetiva utilização de técnicas imagéticas, devem-se destacar as seguintes etapas: investigação, estratégia e planificação, posicionamento, produção de ideias, trabalho de criação orientado e estudo de mercado; este constituído por aspectos que não se resumem apenas, e simplesmente, na criação de *spots*, vinhetas ou *jingles*, mas estrategicamente concebidos sob o critério de uma supra “qualidade artística” no que diz respeito à mídia, que em geral marcados por uma linha editorial que reforça a imagem unilateral do meio de comunicação; em seguida, devem-se explorar as soluções visuais que permitam conduzir novas decisões entre as percepções presentes e a imagem de marca desejada.

Por último, a escolha de uma determinada imagem depende de profusão de recursos técnicos, tendo como fator principal a habilidade metodológica: talento suficiente para desenvolver processos estratégicos; surge a necessidade de remapear o território já habitado pelo aluno/estudante, a fim de mantê-lo cativo ao ensino – por exemplo, uma opção de especializar-se em um canal lúdico, informativo, rápido, prático e concreto, ou seja, refletir sobre o desejo natural do estado de espírito do discente. Essas novas estratégias educacionais podem fidelizar a escola, a universidade ou canal de TV, desde que se respeite a sua afirmação de identidade. É necessário conservar os identificadores fundamentais da Educação.

Talvez esse seja o grande desafio da produção do mundo imagético: a cada novo programa de computação ou equipamento de produção e reprodução de imagens corresponde uma nova expectativa. Cada uma se define de acordo com um conceito específico. Portanto, o papel do ensino é encontrar “uma cor ou um sentimento” particular para cada um desses novos encontros. Obriga-se a ter objetivos práticos.

Reiteramos o domínio da técnica de saber-fazer “imagens”, com fortes representações simbólicas, capazes de construir novas realidades, semelhantes e presentes, na ressignificação dos conteúdos didáticos. Por exemplo, o uso de hipertextos, *links* de *sites* da internet, banco de imagens e recursos tecnológicos de alta geração, programas de computação para a criação e edições de imagens, efeitos especiais. Um salto em relação ao presente e um ato para o futuro. Mais que uma filosofia tecnicista, é uma prática, um estado de espírito, uma disciplina que consiste em empurrar e transgredir as convenções estabelecidas; podemos dizer: uma sobreutilização - um campo das infinitas possibilidades. Um método que cria uma desordem e estimula a mudança, no que diz respeito não somente ao grande mundo das ciências, mas às reflexões, convenções e rupturas mais férteis no âmbito educacional.

REFERÊNCIAS

ROSSI-LANDI, F. **Linguagem como trabalho e como mercado**: uma teoria da produção e da alienação lingüística. São Paulo, SP: Difel, 1985.

BELLONI, M. L. **Educação a distancia**. Campinas: Autores Associados, 1999.

LITWIN, E. **Educação a distância**: temas para o debate de uma nova agenda educativa. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MARTINS, O. B. **A educação superior a distância e a democratização do saber**. Petrópolis: Vozes, 1991.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. Campinas, Papirus, 1997.

SOUSA, M. W. (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1995.

Recebido em: 05/11/2010
Publicado em: 01/04/2011